Capítulo XXVII — Recompensa do bom Ladrão (continuação)

> **Sumário.** A ressurreição, complemento da felicidade. — Os ressuscitados do Calvário. — Abertura dos sepulcros. — Ressurreição. — Em que momento. Ensino de Suárez. — Número dos ressuscitados, suas aparições. — Quem eram. — Sentimentos dos Padres. — Sua ascensão em corpo e alma. — A do bom Ladrão.

A felicidade dos santos que estão agora no céu é uma felicidade sem mistura e sem fim. Essa felicidade pode, contudo, ser aumentada. Sê-lo-á, com efeito, depois da ressurreição, quando, reunida a alma ao corpo glorioso, o homem se tornar de novo um ser perfeito. Esse acréscimo de felicidade a razão o compreende e a teologia o ensina.[1] O bom Ladrão espera ainda esse complemento de felicidade? Tal é a interessante questão que temos a examinar.

Lemos no Evangelho:

> *E Jesus tornando a dar outro grande brado, rendeo o espírito. E eis-que se rasgou o véo do templo em duas partes d'alto abaixo: e tremeo a terra, e partirão-se as pedras, e abrirão-se as sepulturas: e muitos corpos de santos, que erão mortos, resurgirão. E sahindo das sepulturas depois da resurreição de Jesus, vierão á cidade santa, e apparecerão a muitos.*[2]

Todos esses prodígios eram o testemunho e a consequência do maior de todos, a morte do Homem-Deus numa cruz. O véu do templo rasga-se porque o reinado da lei mosaica acabou. Os rochedos fendem-se, a terra treme, o sol se obscurece, toda a natureza é abalada; porque chora à sua maneira a morte de seu Criador e porque anuncia o último abalo que precederá o juízo final. Um ladrão é convertido, o outro réprobo: sinal profético do que espera o gênero humano. Os sepulcros se abrem, a morte vencida restitui as suas vítimas: anúncio da redenção universal e da ressurreição futura.

Não entra em nosso assunto falar de cada um desses milagres: um só deve ocupar-nos, a ressurreição dos mortos. Quando ressuscitaram esses mortos? A quem se mostraram? Quem são esses mortos? Que foi feito deles?

É certo que Nosso Senhor, o Chefe da humanidade, ressuscitou primeiro. Daí vem que são Paulo o chama *«o primogenito d'entre os mortos»* (Cl 1, 18), *Primogenitus ex mortuis*. Assim, nenhuma ressurreição teve lugar antes do dia de Páscoa. São Mateus o diz em termos próprios: *«E sahindo das sepulturas depois da resurreição de Jesus»*, *exeuntes de monumentis post resurrectionem suam*. Que devia ser assim, compreende-se sem custo. Por que esses santos personagens eram chamados à vida? Para dar testemunho da ressurreição de Nosso Senhor. Mas não podiam testemunhar esse fato antes que se cumprisse.[3]

Se o Evangelho fala da ressurreição desses mortos ao mesmo tempo que dos outros prodígios sucedidos na morte de Nosso Senhor, é porque, em sua rápida narração, o historiador sagrado agrupa todos os fatos miraculosos, embora não tenham tido lugar no mesmo dia. Não há compêndio de história, antiga ou moderna, que não ofereça exemplos de tal maneira de narrar. De resto, a abertura dos sepulcros se fez no momento mesmo em que Nosso Senhor expirou. A Providência o permitiu a fim de tornar mais evidente a ressurreição desses mortos, que se tinham podido, durante dois dias, ver deitados em seus túmulos.[4]

Ora, no dia de Páscoa, imediatamente depois que o novo Adão saiu do túmulo, vencedor da morte e do inferno, apareceram nas ruas e nas praças de Jerusalém grande número de ressuscitados, dizendo: O Cristo ressuscitou e nos ressuscitou com ele. Reconhecei-nos, não somos fantasmas; vede e apalpai, nenhuma dúvida é possível. Crede, pois, nele; adorai-o como Filho de Deus; amai-o como vosso Redentor, chorai o que acaba de ser feito contra ele.

Imagine-se a impressão que devia produzir, nos diferentes bairros da cidade, a presença e a linguagem de tais testemunhas!

Dizemos nos diferentes bairros da cidade, e o texto sagrado nos autoriza: *venerunt in sanctam civitatem*. Autoriza-nos mesmo a acrescentar que essas estranhas mas irrecusáveis testemunhas foram vistas e ouvidas não somente por algumas pessoas, mas por grande número: *et apparuerunt multis*.

Assim, além dos apóstolos e dos discípulos, muitos judeus presentes em Jerusalém foram favorecidos com essa eloquente aparição. Em uns, a fé nasceu; em outros, firmou-se; e esse fato, mais espantoso que todos os prodígios, explica as numerosas conversões do dia de Pentecostes.[5]

Numerosos foram os ressuscitados, numerosas as testemunhas oculares e auriculares de sua ressurreição: tal é a verdade evangélica. Mas quem eram esses mortos devolvidos à vida, e são Dimas esteve entre eles?

Entre essas testemunhas de além-túmulo, a tradição nomeia uma parte dos santos personagens do Antigo Testamento que, quer pelas circunstâncias de sua vida, quer pelo brilho de suas virtudes, tinham tido relações mais marcadas com Nosso Senhor. Tais são, entre outros, Adão e Eva, Abraão, Isaac, Jacó, Melquisedec, Moisés, Josué, Jó, Jonas, Samuel, Isaías e os outros profetas.[6]

A essas testemunhas da primeira idade, Pais e figuras do Messias, juntaram-se contemporâneos da geração deicida, como Zacarias, pai de são João Batista, o bem-aventurado ancião Simeão, são José, o bom Ladrão e ainda outros.[7] É o pensamento de santo Epifânio, fiel depositário das tradições de Jerusalém e da Palestina, sua pátria.[8] É fácil compreender-lhe a justeza. Em testemunho de sua divindade, a augusta Vítima do Calvário chamara todos os elementos: todos tinham vindo e o seu testemunho era palpável. Os próprios mortos deviam vir; e o seu depoimento não devia ser menos irrecusável.

Para isso, não bastava vir dizer em Jerusalém: Sou Adão, sou Abraão, sou Noé, sou Moisés: era preciso prová-lo. O melhor meio era que pessoas conhecidas, mortas e enterradas havia dez ou quinze anos, viessem, cheias de vida e de saúde, dizer a seus parentes e amigos: Sou Zacarias, sou Simeão, sou Dimas; sou o vosso pai, o vosso irmão. Olhai-me bem, não vos engano nem posso enganar-vos. Eu e os que vedes comigo somos bem o que vos dizemos, as testemunhas da divindade de Jesus de Nazaré, cujo poder nos chamou à vida. Nessa condição, o testemunho não deixava nada a desejar, e a sabedoria eterna atingira o seu fim.

Os gloriosos testemunhos de que falamos apenas passaram, a menos de desaparecer logo e morrer de novo? O sentimento dos mais graves teólogos, fundado na autoridade dos Padres, é que esses santos personagens ficaram visivelmente na terra até o dia da Ascensão, mostrando-se, como o próprio Nosso Senhor, aos que disso eram dignos, *testibus præordinatis*, e confirmando por sua milagrosa presença a divindade de Nosso Senhor e da Igreja, que ia sair do Cenáculo. No dia da Ascensão subiram ao céu, em corpo e alma, no séquito de Nosso Senhor, que os apresentou a seu Pai e aos anjos como os troféus de sua vitória e as primícias do gênero humano regenerado.

Os grandes teólogos que sustentam essa opinião tão consoladora e tão bela são, entre outros: Beda, o Venerável, santo Anselmo, Rábano Mauro, Pascásio Radberto, Drutmar, Ruperto, Caetano, Jansênio, Dionísio, o Cartuxo, Maldonado, Cornélio a Lápide e o célebre Suárez.[9]

Dissemos que é fundada na autoridade dos santos Padres e doutores. Eis alguns:

> *Há na terra — diz santo Epifânio — relíquias dos santos, exceto dos que ressuscitaram e entraram na cidade santa.*[10]

Em sua carta sinodal, referida e aprovada pelo sexto concílio, são Sofrônio, patriarca de Jerusalém, exprime-se assim:

> *Depois de três dias, Nosso Senhor sai do túmulo e com ele faz sair todos os mortos; da corrupção os conduz à imortalidade pela ressurreição dentre os mortos.*[11]

Antes dele, e mais explícito ainda, é Eusébio.

> *O corpo de Nosso Senhor ressuscitou, e muitos corpos dos santos que tinham morrido ressuscitaram e, com Nosso Senhor, entraram na verdadeira cidade celeste.*[12]

Santo Anselmo, citando o venerável Beda, que ensina que esses santos subiram ao céu com Nosso Senhor, diz:

> *Não se deve dar crédito algum aos temerários que pretendem que esses santos voltaram ao pó.*[13]

Falando do bom Ladrão em particular, o padre Teófilo Raynaud exprime-se nestes termos:

> *Era muito conveniente que Nosso Senhor, que tivera o bom Ladrão por companheiro de suas humilhações e de sua cruz, o tivesse também de sua ressurreição e de sua glória, na integridade de sua natureza regenerada. Assim, o bom Ladrão todo, e não dividido, estará com o Cristo todo. Acrescentai que em parte alguma se encontram relíquias do bom Ladrão. Ora, não é verossímil que Nosso Senhor tivesse deixado eternamente enterrado na terra tal tesouro, se de fato a terra o possuísse.*[14]

Enfim, o grande arcebispo de Reims, são Remígio, examinando a questão *ex professo*, conclui nestes termos:

> *Devemos, pois, crer, sem hesitar, que os que ressuscitaram com Nosso Senhor subiram ao céu com ele.*[15]

A própria razão nos convida a isso. Na ascensão gloriosa desses ilustres ressuscitados, vê elevadas conveniências. Não era muito natural que Nosso Senhor, entrando no céu, mostrasse logo, nesses santos personagens em corpo e alma, o fruto de sua completa vitória sobre a morte? Não era preciso que essas almas, doravante bem-aventuradas, estivessem unidas a corpos gloriosos e imortais? E o lugar dos corpos gloriosos não é o céu?

Compreender-se-ia que almas que gozam da visão beatífica estivessem associadas a corpos mortais e corruptíveis, expostas, por conseguinte, a sofrer as intempéries das estações, o calor, o frio, todas as outras enfermidades da vida presente e, ademais, as dores de nova morte? Se esses grandes santos tivessem de morrer uma segunda vez, melhor lhes teria sido não ressuscitar. Enfim, não era conveniente que Nosso Senhor, reinando no céu em corpo e alma, a sua humanidade tivesse companheiros de sua glória, que ela visse com os seus olhos, com quem

pudesse conversar e não fosse solitária e sem consolações próprias à sua natureza?

De tudo isso concluamos, com Suárez e Cornélio a Lápide, que o sentimento que coloca no céu, em corpo e alma, os numerosos ressuscitados do Calvário é o mais razoável e o mais verdadeiro, o mais bem fundado em autoridade, o mais conforme à natureza das coisas, à bondade divina e aos interesses da glória de Nosso Senhor Jesus Cristo.[16]

Entre esses ilustres companheiros de seu triunfo há um que Nosso Senhor mostrou e que mostrará eternamente com particular predileção: é o seu amado Dimas. Escutemos são Crisóstomo:

> *Não há rei que, entrando em triunfo em sua capital, faça sentar a seu lado um ladrão público, ou mesmo algum de seus servos. Pois bem! Nosso Senhor o fez. Ao voltar à sua divina pátria, conduziu consigo um ladrão. Não foi uma vergonha para o Paraíso, mas uma glória.*

> *A glória do Paraíso é ter um Rei bastante poderoso para tornar um ladrão digno das delícias do Paraíso. Do mesmo modo, quando introduzia no reino dos céus publicanos e mulheres públicas, não era uma vergonha para o Paraíso, mas uma glória. Mostrava assim quem é esse Rei dos céus, que pode tornar os publicanos e as pecadoras bastante recomendáveis para serem dignos de tal favor e de tal felicidade.*

> *Assim como admiramos sobretudo um médico quando o vemos curar doenças incuráveis e devolver à saúde doentes desesperados, assim é justo admirar sobretudo Nosso Senhor quando cura chagas incuráveis e conduz um publicano, uma cortesã, a uma saúde tão perfeita que são dignos de sentar-se no céu com os anjos.*

> *Mas, direis, que fez esse ladrão para subir da cruz ao céu? Quereis que vos diga em duas palavras os seus méritos? Enquanto Pedro negava embaixo, ele confessava no alto. Não esqueçamos, pois, peço-vos, esse bom ladrão; não nos envergonhemos de receber como doutor aquele que Nosso Senhor não se envergonhou de introduzir primeiro consigo no Paraíso.*[17]

Notas

[1] *Dicendum quod beatitudinem sanctorum post resurrectionem augeri quidem extensive manifestum est, quia beatitudo tunc erit non solum in anima, sed etiam in corpore; et etiam ipsius animæ beatitudo augebitur extensive, in quantum anima non solum gaudebit de bono proprio, sed etiam de bono corporis; potest etiam dici quod ipsius animæ beatitudo intensive augebitur*, etc. («Deve-se dizer que é manifesto que a bem-aventurança dos santos aumentará extensivamente depois da ressurreição, porque então a bem-aventurança será não só na alma, mas também no corpo; e também a bem-aventurança da própria alma aumentará extensivamente, enquanto a alma gozará não só do bem próprio, mas também do bem do corpo; pode-se também dizer que a bem-aventurança da própria alma aumentará intensivamente», etc.) S. Tomás, *Suppl.*, q. 93, art. 1, no corpo.

[2] Mt 27, 50-53.

[3] *Multa corpora sanctorum resurrexerunt, ut Dominum ostenderent resurgentem.* («Muitos corpos dos santos ressuscitaram, para mostrar o Senhor ressurgindo.») S. Jerônimo, *in Matth.*, XXVII, 52.

[4] *Cum Evangelista narraret prodigia facta in morte Christi, obiter omnia congessit, quamvis non omnia eodem tempore sint gesta. Eo vel maxime quod hoc prodigium ex parte incœpit in morte Christi; quia tunc reserata fuere monumenta, quamvis corpora non surrexerint usque ad diem resurrectionis Christi. Quod fortasse divina providentia factum est, ut illorum corporum resurrectio evidentior esset, cum prius apertis monumentis mortua atque in eis jacentia conspici possent.* («Ao narrar o Evangelista os prodígios sucedidos na morte de Cristo, reuniu de passagem todos, embora nem todos tenham sucedido ao mesmo tempo. Sobretudo porque esse prodígio começou em parte na morte de Cristo, pois então se abriram os sepulcros, embora os corpos não ressurgissem até o dia da ressurreição de Cristo. O que talvez se fez por divina providência, para que a ressurreição desses corpos fosse mais evidente, podendo antes, abertos os sepulcros, ser vistos mortos e jazendo neles.») Suárez, *De Myster. Christi*, quest. LIII, art. 3, n.º 7, p. 802.

[5] *Apparuerunt multis: puta apostolis et discipulis Christi, aliisque Judæis necdum ad Christum conversis, ut eis fidem et resurrectionem Christi persuaderent, quasi ejus testes et præcones.* («Apareceram a muitos: a saber, aos apóstolos e discípulos de Cristo e a outros judeus ainda não convertidos a Cristo, para lhes persuadirem a fé e a ressurreição de Cristo, como testemunhas e arautos dele.») Cornélio a Lápide, *in Matth.*, XXVII, 53.

[6] S. Atanásio, *Orat. de Pass. Dom.*; Orígenes, *in Matth.*, Trat. 35; Afonso de Castro, v.º *Adam*; Cornélio a Lápide, *in Gen.*, V, 5, e *in Matth.*, XXVII, 53, etc., etc.

[7] Teófilo Raynaud, *Metamorphos.*, etc., p. 555.

[8] *In Ancorato*, etc.

[9] Ver as suas palavras na *Bíblia de Vence*, Dissert. sobre a ressurr. dos SS. Padres, t. XX, p. 135, em Cornélio a Lápide, *in Matth.*, XXVII, 53; e em Suárez, *ubi supra*. Santo Tomás sustenta as duas opiniões: III, q. 53, art. 3; e *in IV*, dist. 43, q. 1, art. 3, 9, 1, ad 3.

[10] *Reliquias sanctorum esse in terra, exceptis iis qui surrexerunt, et ingressi sunt sanctam civitatem.* («Que há relíquias dos santos na terra, exceto dos que ressuscitaram e entraram na cidade santa.») *Hæres.* 35, no fim.

[11] *Triduanus resurgens de sepulcro, progreditur, et una secum cunctos mortuos suscitat ex sepulcro, ex corruptione ad immortalitatem eos perducens, per suam resurrectionem ex mortuis.* («Ressurgindo ao terceiro dia do sepulcro, avança e suscita consigo todos os mortos do sepulcro, conduzindo-os da corrupção à imortalidade, por sua ressurreição dentre os mortos.») *Act.*, II.

[12] *Ipsius corpus mortuum excitatum est, et multa corpora eorum, qui dormierant, sanctorum surrexerunt, unaque cum ipso in sanctam ac vere cœlestem civitatem ingressa sunt.* («O próprio corpo morto foi levantado, e muitos corpos dos santos que dormiam ressurgiram e, juntamente com ele, entraram na cidade santa e verdadeiramente celeste.») *Demonstr. Evangel.*, liv. IV, cap. XII.

[13] *Neque ulla ratione illorum temeritati fides accommodanda est, qui illos postea reversos in cinerem dicunt.* («Nem por razão alguma se deve dar fé à temeridade dos que dizem que eles depois voltaram à cinza.») *In Matth.*, XXVII, 53.

[14] *Sic enim optime accidet ut quem Christus passionum et crucis socium habuit, resurrectionis quoque habuerit et integræ redintegrato homine consolationis. Sic Latro totus cum toto Christo esse dicetur, non dimidius duntaxat. Accedit quod nuspiam sacræ ullæ sancti Latronis exuviæ produntur, cum tamen verisimile non videatur passurum Christum, ut tantus thesaurus infossus terræ perpetuo jaceret, si vere extaret in terris.* («Assim, com efeito, acontecerá otimamente que aquele a quem Cristo teve por companheiro das paixões e da cruz o tenha também da ressurreição e da consolação integral, reintegrado o homem. Assim se dirá que o Ladrão está inteiro com Cristo inteiro, não apenas pela metade. Acresce que em parte alguma se apresentam quaisquer sagradas relíquias do santo Ladrão, quando, no entanto, não parece verossímil que Cristo permitisse que tão grande tesouro jazesse perpetuamente enterrado, se de fato existisse sobre a terra.») *Metamorphos.*, etc., cap. XIII, p. 554.

[15] Eis o texto inteiro de são Remígio: *Quæret autem aliquis quid de illis factum sit, qui resurgente Domino surrexerunt? Credendum quippe est quoniam ideo surrexerunt, ut testes essent dominicæ resurrectionis. Quidam autem dixerunt quod iterum mortui sunt et in cinerem conversi, sicut et Lazarus et cæteri, quos Dominus ressuscitavit, sed istorum dictis nullo modo est fides accommodanda; quoniam majus illis esset tormentum qui surrexerunt, si iterum mortui essent, quam si non resurgerent. Incunctanter ergo credere debemus quia qui, resurgente Domino, a mortuis resurrexerunt, ascendente eo ad cœlos, et ipsi pariter ascenderunt.* («Perguntará alguém o que foi feito daqueles que ressuscitaram quando o Senhor ressurgiu. Deve-se crer, com efeito, que ressuscitaram para serem testemunhas da ressurreição do Senhor. Alguns, porém, disseram que de novo morreram e se converteram em cinza, como Lázaro e os demais que o Senhor ressuscitou, mas às palavras deles de modo algum se deve dar fé; porque maior seria o tormento daqueles que ressuscitaram, se de novo morressem, do que se não ressurgissem. Sem hesitar devemos, pois, crer que os que ressuscitaram dentre os mortos quando o Senhor ressurgiu, quando ele subiu aos céus, também eles igualmente subiram.») Ver *Caten. aur.*, *in Matth.*, XXVII, p. 372, *id. in-8.º*

[16] *Verius alii censent*, diz Cornélio a Lápide, *in Matth.*, XXVII, 53; e Suárez: *Quocirca, omnibus pensatis, hæc sententia videtur verisimilior. Nam et majori auctoritate nititur, et est magis consentanea tum rebus ipsis, tum divinæ misericordiæ, et pietati, et gloriam Christi magis illustrat.* («Por isso, pesado tudo, esta sentença parece mais verossímil. Pois se apoia em maior autoridade, é mais conforme tanto às próprias coisas quanto à divina misericórdia e piedade, e ilustra mais a glória de Cristo.») *Ubi supra*, q. LIII, art. 3, p. 806.

[17] *Latronem hunc, quæso, non prætercurramus, neque nos pudeat eum doctorem accipere, quem Dominus noster non erubuit primum inducere in Paradisum.* («Não passemos por alto, peço, esse ladrão, nem nos envergonhe recebê-lo como doutor, aquele a quem o Senhor nosso não se envergonhou de introduzir primeiro no Paraíso.») *De Cruce et Latr.*, n.º 2.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:28 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:28 by Admin